



UC/FPCE __ 2016

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e o Funcionamento Familiar em Famílias com Filhos Adultos: Comparação de diferentes grupos de utilizadores das TIC

Telma Margarida Vicente Guedes
(e-mail: telma.guedes.023@gmail.com)

Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, área de especialização em Psicologia Clínica e da Saúde, subárea de especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar, sob a orientação da Professora Doutora Luciana Sotero.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e o Funcionamento Familiar em Famílias com Filhos Adultos: Comparação de diferentes grupos de utilizadores das TIC

Resumo: O facto de vivermos numa geração tecnológica sem precedentes traz consigo a necessidade de investigar até que ponto as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) influenciam o funcionamento familiar. De modo a contribuir para este conhecimento, o presente estudo tem como objetivo comparar o funcionamento familiar de diferentes grupos de utilizadores das TIC em famílias com filhos adultos. Para tal, recorreu-se a uma amostra de 113 famílias, num total de 351 sujeitos e utilizaram-se os instrumentos *Emerging Technologies & Families Survey (SEFT)* e o *Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation (SCORE-15)* para avaliar, respetivamente, a utilização das TIC e o funcionamento familiar. Os resultados revelam a existência de dois grupos distintos de utilizadores das TIC: Grupo de Utilizadores Especialistas (GUE) e Grupo de Utilizadores Tradicionais (GUT), verificando-se melhores resultados ao nível do funcionamento familiar, comunicação familiar e dificuldades familiares no primeiro grupo. Espera-se que este estudo seja um contributo para esta área de investigação e que possa ter repercussões clínicas no trabalho de intervenção levado a cabo com famílias que se inserem nesta etapa do ciclo evolutivo.

Palavras chave: Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), Funcionamento Familiar, Famílias com Filhos Adultos, Grupos de Utilizadores das TIC.

Information and Communication Technologies (ICT) and the Family Functioning in Families with Adult Children: Comparison of different ICT user groups

Abstract: The fact that we live in an unprecedented generation technology brings with it the need to investigate the extent to which the Information and Communication Technologies (ICT) influence family functioning. In order to contribute to this knowledge, the present study aims to compare family functioning of different groups of ICT users in families with adult children. To this end, we used a sample of 113 families with a total of 351 participants and used instruments *Emerging Technologies & Families Survey (SEFT)* and *Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation (SCORE-15)* to assess, respectively the use of ICT and family functioning. The results reveal the existence of two different groups of ICT users: Expert Group Users (GUE) and Group Traditional Users (GUT), checking the best results at the level of family functioning, family communication and family difficulties in the first group. It is hoped that this study is a contribution to this area of research that could have clinical implications in the intervention work carried out with families falling into this stage of the life cycle.

Key Words: Information and Communication Technologies (ICT), Family Functioning, Families with Adult Children, ICT User Groups.

Agradecimentos

Obrigado à Professora Doutora Ana Paula Relvas, por manter os níveis de exigência sempre elevados e impulsionar a psicologia sistémica no seu crescimento contínuo.

Obrigado à Professora Doutora Luciana Sotero, por acalmar todas as ansiedades, incentivar e instruir durante toda esta jornada.

Obrigado à Dra. Joana Carvalho, pela imensa disponibilidade e ajuda no desbravamento do campo das tecnologias, por estimular o entusiasmo pela descoberta e por fomentar o bichinho pelo processo de investigação.

Obrigada à Margarida, por partilhar comigo esta aventura em busca do conhecimento científico, pela motivação e pela boa disposição que de tanto serviram para chegar até aqui.

Obrigada ao Lorenzo, por toda a compreensão, por ser as minhas asas quando já não consigo voar, pela capacidade de me trazer paz e calma independente dos momentos e por tudo de maravilhoso que somos juntos. Também a toda a família Orlando, por me acolher num novo conceito de família quando já achava que só seria com os outros.

Obrigada à minha família, por me lembrar de onde venho e para onde quero ir, quem sou e quem quero ser.

Obrigada às amigas que levo no coração: à Teresa, à Catarina e à Patrícia, por tudo o que não consigo descrever. Por serem as amigas, companheiras e confidentes e ainda por terem vivido comigo histórias que nunca nos vamos cansar de contar.

Obrigada ao André, que sem perceber de nada do que eu dizia, tantos dias passou a ajudar-me a descobrir o que era isto das tecnologias. Por ser uma das pessoas que levo desta cidade com mais carinho.

Obrigada ao Pedro, meu irmão e amigo de sempre, que conhece o melhor e o pior de mim e ainda assim está sempre comigo.

Obrigada à RAJA, por ser mais do que uma casa. Obrigada à Carolina P., à Ana Catarina, à Joana, à Alcía, à Maria, à Lucy e à Carolina Q. por serem companheiras de serões e sorrisos. Obrigada ao Diogo, ao Rafa, ao Isqueiro, ao Parreira, ao Edgar e ao Biólogo por trazerem a alegria e a boa disposição e proporcionarem muitas gargalhadas.

Obrigada a todos os colegas e amigos que me acompanharam neste percurso, por todo o companheirismo e amizade, pelo incentivo a ingressar nesta aventura, pela coragem, entusiasmo e por nunca deixarem de acreditar que seria capaz. E ainda todos os que, direta ou indiretamente, possibilitaram a concretização deste trabalho.

Índice

Introdução.....	5
I – Enquadramento conceptual.....	6
1. TIC: Definição, caracterização e evolução	6
2. Repercussões das TIC no Sistema Familiar.....	8
3. As TIC nas Famílias com Filhos Adultos	10
II - Objetivos.....	12
III - Metodologia	13
3.1. Procedimentos de Recolha da Amostra	13
3.2. Caraterização da Amostra	14
3.3. Instrumentos.....	16
3.3.1. Questionário de Dados Sociodemográficos e Familiares	16
3.3.2. <i>Emerging Technologies & Families Survey (SEFT;</i> <i>Bacigalupe, Camara & Buffardi, 2014)</i>	16
3.3.3. <i>Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation</i> <i>(SCORE-15; Stratton, Bland, Janes & Lask, 2010)</i>	17
3.4. Procedimentos de Investigação.....	17
IV - Resultados	18
4.1. Análises Preliminares.....	18
4.1.1. Análise Fatorial Exploratória (AFE) da FTAIS	18
4.1.2. Consistência Interna	19
4.2. Identificação de Grupos de Utilizadores das TIC	19
4.2.1. Grupo de Utilizadores Especialistas (GUE).....	20
4.2.2. Grupo de Utilizadores Tradicionais (GUT).....	21
4.3. Comparação do Funcionamento Familiar no GUT e GUE....	22
4.3.1. Comparação dos Recursos Familiares no GUE e GUT	22
4.3.2. Comparação das Dificuldades Familiares no GUE e GUT.....	22
4.3.3. Comparação da Comunicação Familiar no GUE e GUT	22
4.4. Comparação da Perceção do Impacto das TIC no GUE e GUT	22
V - Discussão.....	23
VI - Conclusões.....	26
Bibliografia	28

Introdução

Atualmente os meios de informação e comunicação ocupam uma posição muito importante na forma como comunicamos uns com os outros (Reddi, 2006). Devido ao seu célere desenvolvimento, nem sequer nos apercebemos da sua presença, mas estes meios de comunicação são cada vez mais utilizados (Ramsey et al., 2013). Assim, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) assumem um papel extremamente importante nas velozes mudanças levadas a cabo na sociedade do conhecimento onde nos inserimos (Reddi, 2006). A maioria da população mundial possui um telemóvel, um computador ou um *tablet* com ligação à Internet (Cardoso et al., 2007). Para além de existirem novos meios de comunicação, os indivíduos dão mais preferência a uns em detrimento de outros (Stern & Messer, 2009), pelo que as formas de comunicação que estabelecem têm vindo a ser alteradas e a assumir novas configurações (Haythornthwaite, 2005; Zhong, 2013).

Cada vez é maior a curiosidade sobre o que fazem os indivíduos *online* (Haythornthwaite, 2005), que tipo de mudanças a inserção das tecnologias acarreta no quotidiano das famílias e no seu estilo de vida (Colley & Maltby, 2008). Neste sentido, é legítimo questionar: será que a utilização do computador vem aproximar a família, ou pelo contrário vem afastá-la? Estarão as crianças a afastar-se dos seus pais em virtude de um maior envolvimento com as tecnologias? Ou será que as TIC servem como uma plataforma adicional onde os membros da família podem interagir entre si? Será a evolução tecnológica uma vantagem adaptativa para as famílias maximizando o seu desempenho dentro e fora do meio familiar?

Encontramo-nos numa geração tecnológica sem precedentes (Hertlein, 2012), onde as TIC se tornaram um importante tópico de análise em diferentes áreas de investigação e, como tal, existem cada vez mais estudos que descrevem os riscos e os benefícios que podem derivar da sua utilização (Pontes & Patrão, 2014). Especificamente no que concerne à sua influência no contexto familiar, a literatura tem incidido em diferentes variáveis do sistema familiar, sobretudo nas etapas da infância e da adolescência (Carvalho et al., 2015). Neste sentido, a etapa da família com filhos adultos revela-se um vasto campo de investigação por explorar (Reddi, 2006).

Assim, atendendo à atualidade desta questão e à pertinência de colmatar uma lacuna nesta área de investigação, o presente estudo pretende contribuir para a discussão em torno do papel desempenhado pelas TIC no funcionamento familiar das famílias com filhos adultos.

I – Enquadramento conceptual

1. TIC: Definição, caracterização e evolução

Há cerca de duas décadas temos assistido a uma proliferação sem precedentes das TIC, principalmente quanto aos computadores pessoais (*PCs – Personal Computers*) e à Internet, introduzindo estes meios importantes mudanças no modo como comunicamos (Stafford & Hillyer, 2012). As TIC vieram alterar a forma como as pessoas ocupam o seu tempo livre e deixaram de ser exclusivamente utilizadas por pessoas altamente especializadas, uma vez que passaram a fazer parte das rotinas diárias da nossa sociedade (Watt & White, 1999). Os novos meios de comunicação digital facilitam a interatividade e a comunicação, já que a informação flui e circula com rapidez (Brandtzæg, 2010).

Na literatura deparamo-nos com uma panóplia de definições relativas às TIC, sendo que o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (*United Nations Development Programme; UNDP, 2014*) indica que estas se reportam a um variado conjunto de ferramentas de manipulação, aplicações e serviços que são utilizados para produzir, armazenar, processar, distribuir ou trocar informação. As TIC incluem *hardware* (componente física dos equipamentos, aquilo que conseguimos tocar) (Reddi, 2006) como computadores, *smartphones*, *tablets* ou consolas de jogos (Bacigalupe & Lambe, 2011; Carvalho et al., 2015), mas também tecnologias mais tradicionais como o rádio, a televisão ou o telefone (Reddi, 2006). Incluem também *software* (todo o tipo de ficheiros e aplicações que podemos utilizar ao programar) e o *hardware*) como é o caso do *email*, páginas *web*, videoconferência ou redes sociais *online* (Carvalho et al., 2015).

Estes diferentes tipos de TIC sustentam a cultura digital (Bacigalupe & Lambe, 2011; Houghton & Joinson, 2011; Stafford & Hillyer, 2012) e têm vindo a tornar-se progressivamente parte do quotidiano das sociedades contemporâneas (Aponte, 2009; Bacigalupe & Lambe, 2011; Carvalho et al., 2015; Lanigan, 2009; Stern & Meser, 2009; Stafford & Hillyer, 2012; Zhong, 2013). Existe hoje a possibilidade de utilizar várias TIC de modo simultâneo, formando um mundo tecnológico interligado (Reddi, 2006) por uma infraestrutura massiva de serviços telefónicos interconectados e *hardware* de computação que alcança todos os cantos do globo terrestre (UNDP, 2014). Recuando 20 anos, a interação presencial era o meio de comunicação mais comum (Blinn-Pike, 2009), já nos nossos dias a Internet é uma extensão dos papéis sociais e também dos interesses que vão para lá da vida *online*, o que pode ser um acréscimo à vida social dos utilizadores (Carvalho et al., 2015). Blinn-Pike (2009) sublinha o crescente interesse pelo estudo do impacto (positivo e/ou negativo) das TIC no ambiente familiar, muito particularmente no que se relaciona com os *PCs* e a Internet. Investigadores como Hunt (1985) fizeram previsões sobre o modo de difusão dos meios informáticos em casa: o telefone seria o canal de comunicação primordial, existiria a possibilidade de trabalhar em casa com os computadores, mas estes constituiriam uma intrusão das carreiras nos conflitos pessoais e no espaço doméstico (Hunt, 1985). Em

meados dos anos noventa, Venkatesh (1996) refletiu também sobre a introdução do ambiente tecnológico no meio familiar, dado que houve diversas evoluções no campo tecnológico, nomeadamente a realidade virtual, os sistemas multimédia, a interatividade e a conectividade, o que se traduziu numa maior sofisticação do *software* no meio doméstico. Previa-se estar para chegar uma nova geração de crianças que iriam crescer rodeadas pelo enorme potencial dos meios tecnológicos (Blinn-Pike, 2009). Dado o imparável avanço da comunicação tecnológica, alguns autores advogam que esta é suscetível de trazer impessoalidade à forma como contactamos uns com os outros, em detrimento da comunicação cara-a-cara (Burkitt, 2002). Outros autores, alertam para a redução do tempo dispensado para outras atividades devido à dependência da utilização tecnológica (Sharif, 2011).

Na perspetiva de Cummings, Butler e Kraut (2002), para que possamos compreender de que modo a comunicação mediada por computador (CMC) afeta a forma como interagimos em família (ou fora dela), é necessário estudar o impacto da Internet na vida social de cada um. A Internet complementa a comunicação com amigos ou família, como tal, o seu impacto difere se pode ou não substituir outros tipos de comunicação, assim como laços sociais mais tradicionais (Amichai-Hamburger & Hayat, 2011). Relativamente ao impacto da utilização da Internet, diversos autores (Kraut, Patterson, Lundmark, Kiesler, Mukhopadhyay & McKenna, 1998; Nie, Hillygus & Erbring, 2002) chegaram à conclusão de que existe uma associação entre o aumento da utilização da Internet e a diminuição das interações no ambiente doméstico com a família, a redução do círculo social, assim como o aumento de níveis de depressão e solidão. O estudo de Nie et al. (2002) salienta também que quanto mais tempo se passa em casa na Internet, menos tempo se despende com amigos e família, e o mesmo acontece no contexto de trabalho, já que as interações com os colegas são também reduzidas com o aumento do tempo passado na Internet (Amichai-Hamburger & Hayat, 2011).

Para uma melhor compreensão sobre em que medida as tecnologias são efetivamente utilizadas pelos indivíduos, existem diversos estudos sobre o grau de utilização das TIC (Shih & Venkatesh, 2004; Nguyen, Moschis, Shannon, & Gotthelf, 2009; Padilla-Walker, Coyne and Fraser, 2012). Compreender o comportamento dos utilizadores pode ser uma dificuldade, uma vez que a utilização tecnológica é frequentemente complexa e dinâmica (Brandtzæg, 2010). Na última década, o segmento dos tipos de utilizadores tornou-se também mais fragmentado, uma vez que existem novos fatores a ter em conta, nomeadamente a vulgarização da utilização da Internet, a chegada de inúmeros canais de televisão, novas tecnologias móveis, jogos eletrónicos, assim como uma grande variedade de serviços *online* (Geerts, Obrist, Tscheligi, & Brandtzæg, 2007; Mannheim & Belanger, 2007). Com o aumento do acesso às novas tecnologias existem mais tipos de conteúdos entre os quais se pode escolher, logo as preferências individuais e os estilos de vida de cada um tornam-se mais importantes (Brandtzæg & Heim, 2009; Johnsson-Smaragdi, 2001).

Pontes e Patrão (2014) conduziram um estudo sobre as mudanças percebidas em relação à Internet, onde a maioria dos utilizadores demonstrou uma tendência de utilização mais elevada para os dispositivos de acesso *online* móveis (como *tablets*, *smartphones* e computadores portáteis), por serem práticos e cómodos para navegar na Internet. O número de horas despendido *online* era também superior para os inquiridos do sexo masculino em comparação com o sexo feminino (Pontes & Patrão, 2014). No caso das funções *online* preferidas dos utilizadores foram as redes sociais, juntamente com a pesquisa de informação ou notícias, os serviços de *e-mail*, *chat* (Pontes & Patrão, 2014) e utilização de redes sociais (Cardoso et al. 2014). Compreendeu-se que a preferência se atribuía ao facto de serem funções de carácter social, permitirem comunicar com outras pessoas, o que demonstra que a função relacional parece ter grande relevância e popularidade para os utilizadores da Internet (Pontes & Patrão, 2014).

2. Repercussões das TIC no Sistema Familiar

Para compreender de que forma as TIC desempenham um papel nas relações familiares podemos recorrer à Teoria da Domesticção (*Domestication Theory*) de Silverstone e Hirsch (1992), que descreve a importância do modo como as TIC são utilizadas. Assim, a domesticção é descrita como o processo através do qual tecnologias novas e desconhecidas tomam um papel ativo na vida quotidiana (Hynes & Richardson, 2009). A domesticção implica que as famílias com acesso às TIC se distingam daquelas que não têm acesso, não apenas pela própria utilização da tecnologia, mas também na sua dinâmica familiar (Mesch, 2006). Segundo Birkland (2013), existe um processo constituído por diferentes etapas que culmina na domesticção das tecnologias: (1) as tecnologias são apropriadas passando da esfera pública à esfera privada, de tal modo que as famílias sintam que estas são úteis no seu dia-a-dia; (2) há uma nova organização na casa para inserir a nova tecnologia, assim todos os membros da família vão sentir-se identificados com ela. A casa e os objetos que ali existem já tinham um significado antes desta inserção, logo o significado tecnológico não pode ser entendido isoladamente dos restantes objetos da habitação; (3) a incorporação depende do uso dado às TIC, e este uso recebe o impacto de fatores contextuais (e.g., o género ou o estatuto), bem como a sua utilização os reforça (4) a posição ocupada pelas TIC em casa (ou em relação ao indivíduo) e o significado que lhe é atribuído pela sociedade ajuda à autoidentificação e à identificação com os outros (demonstração de estatuto socioeconómico, por exemplo) (Birkland, 2013).

Significa então que na domesticção existe uma interação recíproca entre as TIC e os membros da família. Estes alteram o significado e adaptam-se às TIC, que progressivamente passam a ser parte integrante dos hábitos familiares (Hirsch & Silverstone, 2003; Mansell & Silverstone, 1996). Por outro lado, as interações familiares alteram-se também com a inserção das tecnologias, que se tornam cada vez mais sofisticadas e adaptadas ao contexto

familiar (Blinn-Pike, 2009). Por este motivo é necessário explorar a relação com o contexto social do sujeito (Birkland, 2013; Lie & Sørensen, 1996), de forma a compreender as diferenças entre os significados atribuídos e os diversos tipos de utilização das TIC, uma vez que tendem a alterar-se com a influência tecnológica (Mesch, 2006).

Na tentativa de compreender a inserção da tecnologia na vida familiar e nas mudanças por si produzidas, Hertlein (2012) desenvolve o Modelo Multiteórico (*Multitheoretical Model*). Este modelo, baseado na Teoria da Domesticção (Silverstone & Hirsch, 1992), organiza a investigação sobre as tecnologias em três elementos principais que se relacionam entre si (cf. Figura 1): (1) a perspectiva ecológica da família, (2) a perspectiva estrutural-funcional e (3) a perspectiva interacionista-construcionista (Hertlein, 2012).

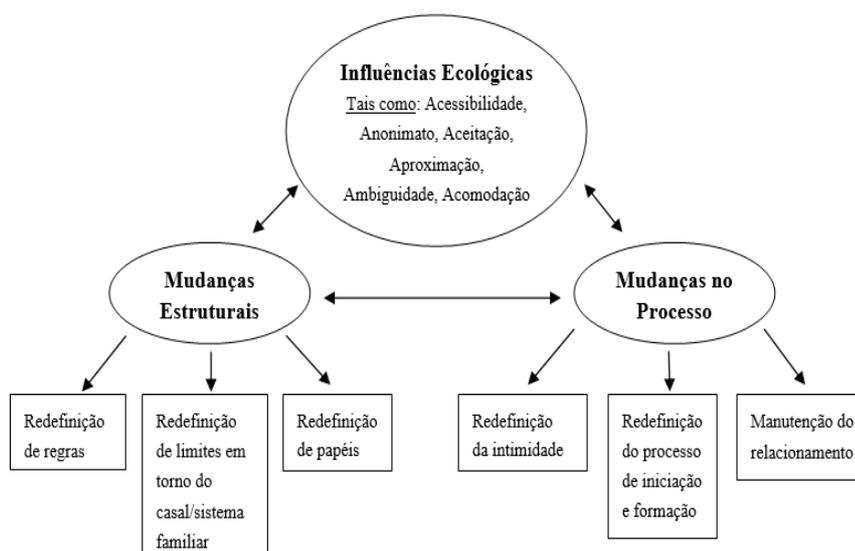


Figura 1. Modelo Multiteórico. Adaptado de Hertlein, 2012, pp. 375

No que toca à perspectiva ecológica (1), esta foca-se em como as famílias são afetadas pelo ambiente, ou seja, de que modo os sistemas familiares e os relacionamentos entre os seus membros são influenciados pela inserção tecnológica (Hertlein, 2012). Neste modelo, a perspectiva ecológica familiar refere-se às propriedades da Internet e das tecnologias interativas que norteiam as mudanças nos relacionamentos (Hertlein, 2012). As influências ecológicas sugerem dois tipos de mudanças nos relacionamentos familiares: mudanças na estrutura das relações e mudanças no processo. As mudanças na estrutura são uma ramificação da perspectiva estrutural-funcional (2), que aborda a forma como as famílias se organizam de encontro às suas necessidades (Johnson, 1971). É neste tipo de mudanças que é incluída a redefinição das regras (e.g., tempo de utilização das TIC), limites (e.g., entre a esfera pública e privada) e papéis (e.g., monitorização parental; Hertlein, 2012). Um exemplo que ilustra a interação entre as perspectivas é o anonimato

(uma influência ecológica), que mostra o processo de desenvolvimento da intimidade entre dois estranhos e que pode também servir para reforçar os limites (fator estrutural) entre elementos da família no que toca à comunicação mediada pelo computador (Hertlein, 2012). Quanto às mudanças no processo, estas derivam da perspectiva interacionista-construcionista (3), que preconiza a forma como os membros da família desenvolvem os seus relacionamentos e como interagem entre si através da comunicação, do comportamento, de gestos ou de rituais (Berger & Kellner, 1970). Este modelo permite-nos compreender que o significado da tecnologia é construído pelos utilizadores, tendo efeitos na redefinição da intimidade (e.g. até que ponto há autorrevelação *online* e qual a natureza deste tipo de comunicação), no processo de iniciação e manutenção dos relacionamentos (e.g. tempo do relacionamento, compromisso, comunicação com outras famílias e atividades de lazer) (Hertlein, 2012).

Um bom exemplo da introdução das TIC no meio familiar seria pensar no serão de uma família: há cerca de dez anos atrás era muito comum uma família ver um filme ou uma novela na televisão. Ainda que hoje isso aconteça, haverá certamente algumas alterações, pois para além do programa de televisão, os elementos da família podem também estar a enviar uma mensagem no telemóvel, ouvir música no *I-pod*, fazer um *download* a partir da Internet, utilizar um serviço de *chat on-line* ou até verificar o que as outras pessoas estão a fazer através do *Facebook* (Rideout, Foehr, & Roberts, 2011). Deste modo, a par com o elevado desenvolvimento tecnológico parecem existir profundas transformações no funcionamento das famílias (Aponte, 2009).

A forma como os membros da família interagem uns com os outros de modo a satisfazer as suas necessidades, a tomada de decisões, o estabelecimento de regras ou a definição de objetivos traduz-se no conceito de funcionamento familiar (Lanigan, 2009). Este constructo teórico pode ser definido como a capacidade que a família tem para completar tarefas que promovem o bem-estar familiar, para se adaptar a novas circunstâncias e para gerir as necessidades individuais e familiares (Keitner, Heru & Glick, 2009). Blinn-Pike (2009) indica que existe uma relação entre as alterações do significado atribuído pelas famílias às tecnologias e o impacto que estas têm no funcionamento familiar. De modo a avaliar o funcionamento familiar, foram definidas três dimensões, nomeadamente: (1) a comunicação familiar, que descreve os padrões comunicacionais da família; (2) os recursos familiares, que se referem às forças e capacidades que a família possui para se adaptar a novas circunstâncias e gerir as dificuldades que podem surgir no dia-a-dia, e (3) as dificuldades familiares, que se reportam às fragilidades existentes em cada família (Stratton et al., 2014).

3. As TIC nas Famílias com Filhos Adultos

A análise da literatura sobre a relação entre a família e a utilização das TIC permitiu verificar que existe uma considerável escassez de estudos com

famílias com filhos adultos, tornando-se extremamente pertinente desenvolver investigação nesta etapa do ciclo vital da família (Birkland, 2013). A família é um grupo natural que no decorrer do tempo desenvolve formas de interação, mas é também um sistema em constante transformação que se adapta às diferentes fases do seu desenvolvimento, de modo a garantir o crescimento psicossocial dos membros que a compõem (Minuchin & Fishman, 1984). Segundo a categorização proposta por Relvas (1996), as famílias com filhos adultos constituem a quinta e última etapa do ciclo vital da família. Este tipo de famílias tem de lidar com diferentes tarefas, dificuldades e potencialidades inerentes a esta fase do seu ciclo de vida familiar (Alarcão, 2000). É uma fase cheia de mudanças, de movimentos familiares, que se caracteriza por múltiplas saídas e entradas, novas relações e novos papéis (Relvas, 1996). Estes movimentos familiares são expressos, por exemplo, pela saída dos filhos adultos de casa, impelindo para a possibilidade de uma nova dinâmica familiar assinalada pelo envelhecimento do casal e também pela abertura do sistema a novas gerações: os netos (Relvas, 1996; Alarcão, 2000). Nesta fase dá-se a coexistência de três e até mesmo quatro gerações da mesma família, indo dos bisavós aos netos, o que cria uma complexidade intergeracional, onde os diferentes indivíduos enfrentam distintos desafios e crises (Alarcão, 2000).

Atualmente tem-se vindo a prolongar o período de transição para a idade adulta, aparecendo como principal causa desta mudança a instabilidade económico-financeira (Cardoso, Mendonça, Lima, Paisana & Neves, 2014). Em ambos os sexos este prolongamento é visível, o que está a criar mudanças na organização e configuração das dinâmicas familiares, no relacionamento intergeracional, nas modalidades de apoio familiar aos jovens e no processo de transição para a adultez (Cardoso et al., 2014). Durante as últimas décadas tem-se dado o prolongamento das trajetórias escolares, o adiamento na entrada no mercado de trabalho, o aumento na idade do matrimónio, assim como do nascimento dos filhos (Mendonça, Andrade, & Fontaine, 2009). Os jovens adultos, na maioria dos casos, são responsáveis pelas suas opções e decisões, tanto no domínio das relações afetivas como no domínio da educação e das escolhas profissionais (Arnett, 2006). Estes fatores de *stress* revelam-se como crises que se forem bem resolvidas podem servir para fortalecer cada um dos elementos, bem como os laços familiares.

A utilização das TIC tem-se tornado cada vez mais comum no quotidiano familiar, tal como é descrito por Ramsey et al. (2013) na sua investigação com estudantes universitários e as suas famílias, na qual pretendia compreender a utilização dos meios de comunicação dentro e fora do meio familiar. Deste estudo sobressaiu a crescente utilização de *Short Message Service* (SMS), havendo um aumento da sua utilização nas interações diárias entre indivíduos, dentro e fora do contexto familiar (Ramsey et al., 2013). Estas alterações trazem mudanças na forma como é feita a comunicação entre os membros das famílias (que passa a ser mais frequente), muda também a forma como os pais monitorizam a vida dos seus filhos, pois podem fazê-lo de uma forma mais constante, conduzindo ainda à aproximação

entre pais e filhos, principalmente quanto à utilização de telemóveis (Devitt & Roker, 2009; Ramsey et al., 2013). Isto conduz a um aumento da satisfação, intimidade, suporte e auxílio sentido por pais ou filhos quanto ao modo como comunicam (Ramsey et al., 2013).

Se recuarmos algumas gerações, percebemos que apesar dos movimentos migratórios, sobretudo nos anos 60, os familiares viviam em localidades próximas, onde a comunicação direta (cara-a-cara) era o método predominante. Pelo contrário, hoje em dia apenas por vezes os membros de uma família vivem na mesma localidade, e mesmo que vivam, podem usar o telefone, o telemóvel ou qualquer outro meio de comunicação, tal como o computador ou o *e-mail* para comunicar à distância (Stern & Messer, 2009). A proximidade familiar pode ser conceptualizada de diferentes formas, mas habitualmente inclui aspetos como a comunicação, o tempo partilhado e a ligação emocional. Deste modo, as tecnologias podem facilitar a proximidade entre os membros da família (Williams & Merten, 2011) ou levar a alterações nos meios usados para comunicar, reconhecendo os elementos da família a tecnologia como um meio de aproximação entre os seus membros (Cardoso et al. 2014). Estas descobertas vão ao encontro das evidências reportadas por outros autores (e.g., Kennedy, Smith, Wells, & Wellman, 2015) que sugerem que os familiares se sentem mais próximos hoje em dia, em comparação com os seus pais quando eram mais jovens.

Em síntese, as TIC não se tratam apenas de objetos, mas de meios de comunicação e também inovações tecnológicas que vêm acrescentar complexidade ao sistema familiar (Hirsch & Silverstone, 2003). Como tal, apresentam-se como um desafio à vida familiar e a toda a dinâmica que nela existe, constituindo-se como uma fonte de interesse estudar a interação destas tecnologias com os indivíduos e as famílias (Aponte, 2009).

II - Objetivos

A presente investigação visa analisar, em famílias com filhos adultos, a relação entre o padrão de utilização individual das TIC, medido pelo *Emerging Technologies Families Survey (SEFT)* e o funcionamento familiar, medido pelo *Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE-15)*. Com vista à operacionalização deste objetivo geral, foram ainda realizados estudos preparatórios de modo a contribuir para a validação e adaptação portuguesa das escalas do SEFT.

Mais concretamente, esta investigação tem como objetivos específicos:

1. Identificar grupos com diferentes padrões de utilização das TIC, atendendo aos tipos de tecnologias utilizadas (e.g., *email*, *telefone*, *Internet*, etc.) e à frequência de utilização (e.g., *semanalmente*, *mais de 3 horas por dia*, etc.);
 - 1.1. Caracterizar os diferentes grupos de utilizadores com base em variáveis sociodemográficas (e.g., *nível socioeconómico*, *nível de escolaridade*, etc.);
2. Comparar os diferentes grupos de utilizadores das TIC ao nível:

- 2.1. Do funcionamento familiar;
 - 2.1.1. Dos recursos familiares;
 - 2.1.2. Das dificuldades familiares;
 - 2.1.3. Da comunicação familiar;
- 2.2. Da perceção do impacto das TIC na família.

III - Metodologia

Para clarificar a metodologia utilizada nesta investigação, a presente secção descreverá detalhadamente as etapas seguidas. Num primeiro momento faz-se a descrição do processo de recolha da amostra, bem como a sua caracterização. De seguida, é apresentada a descrição dos instrumentos utilizados e, finalmente, serão apresentadas as análises estatísticas realizadas.

3.1. Procedimentos de Recolha da Amostra

Este estudo integra-se num projeto de investigação mais alargado sobre a vivência das famílias portuguesas na atualidade, coordenado pela Professora Doutora Ana Paula Relvas, no qual participaram duas alunas de Doutoramento¹ e quatro alunas do Mestrado Integrado em Psicologia, subárea de especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar, da Universidade de Coimbra. Com esse propósito, foi construído um protocolo de investigação mais vasto, que inclui instrumentos e dimensões que não serão consideradas no presente estudo.

A amostra de conveniência foi recolhida pela equipa de investigação, entre dezembro de 2015 e março de 2016, com recurso ao método de bola de neve. Os critérios de inclusão utilizados foram os seguintes: 1) pais e mães com filhos jovens adultos e 2) filhos com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos. Este intervalo foi definido com base na idade em que os sujeitos atingem a maioridade em Portugal (18 anos) e tendo como fim o marcador de transição identificado por Arnett (2006).

Do protocolo de investigação constava uma carta convite e o consentimento informado com informações relativas ao objetivo do estudo, confidencialidade e anonimato dos participantes e o cariz voluntário da participação (American Psychological Association, 2010). O protocolo preenchido foi colocado em envelopes fechados e codificados, de modo a garantir a confidencialidade dos sujeitos.

Antes de se proceder à recolha da amostra, levou-se a cabo um estudo-piloto, ou seja, um estudo em pequena escala que pretendeu ajudar à preparação do estudo posterior (Polit-O'Hara, & Beck, 2006). Este estudo contou com a colaboração de seis participantes e serviu para identificar

¹ Um das investigações, conduzida pela Mestre Joana Carvalho, é financiada por uma bolsa de doutoramento (SFRH/BD/109996/2015) da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

potenciais problemas que poderiam surgir na prática, para a correção de algumas questões consideradas pelos respondentes como menos claras e também para definir o tempo necessário para concluir o preenchimento do protocolo de investigação (Teijlingen, Rennie, Hundley, & Graham, 2001).

3.2. Caracterização da Amostra

A amostra deste estudo é composta por 113 famílias, num total de 351 participantes, 60.4% dos elementos pertence ao sexo feminino ($n=212$) e 39.6% ao sexo masculino ($n=139$) (cf. Tabela 1). Como podemos observar na Tabela 1, constam da amostra 80 pais (22.8%), com uma média de idades de 52.94 anos ($DP=4.215$), 102 mães (29.1%) com uma média de idades de 49.51 anos ($DP=4.792$), 133 filhos adultos (37.9%) com uma idade média de 22.59 anos ($DP=2.564$) e 36 filhos adolescentes (10.3%) com uma média de idades de 15.56 ($DP=1.182$). Relativamente às habilitações literárias, 30.2% dos sujeitos completaram o 12º ano e 28.7% a licenciatura. Os restantes sujeitos dividem-se pelos outros níveis de escolaridade, conforme apresentado na Tabela 1. Ao nível da ocupação/profissão, 46.9% da amostra encontra-se empregada a tempo inteiro, 37% são estudantes, 8.3% estão desempregados, 5.6% trabalham a tempo parcial e 2.2% estão reformados. Quanto ao nível socioeconómico, a classificação utilizada teve como base a categorização de Simões (1994), a partir do cruzamento da profissão principal (e na mais importante) e do nível de escolaridade mais elevado de entre os elementos do agregado familiar. Sendo assim, como é demonstrado na Tabela 1, 49.5% dos sujeitos provém de famílias com um nível socioeconómico médio ($n=149$), 29.3% de nível socioeconómico baixo ($n=103$) e 28.2% de nível socioeconómico elevado ($n=99$).

No que concerne às características familiares da amostra (cf. Tabela 2), 84.0% são famílias nucleares intactas ($n=91$), 11.4% famílias monoparentais ($n=15$), 3.1% famílias reconstituídas ($n=6$) e 1.4% famílias pós-divórcio ($n=1$). Relativamente ao número de elementos por agregado familiar, 60 famílias são constituídas por três elementos (53.1%) e 32 são compostas por quatro elementos (28.3%).

Tabela 1. Caracterização Sociodemográfica da Amostra

Variáveis sociodemográficas	Categorias	Pais		Mães		Jovens Adolescentes		Jovens Adultos		Amostra total	
		<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>N</i>	%
		Sexo	Feminino	-	-	102	29.1	20	5.7	90	25.7
	Masculino	80	22.8	-	-	16	4.6	43	12.3	139	39.6
Escolaridade	4º ano	10	2.9	12	3.5	-	-	-	-	22	6.5
	6º ano	8	2.4	9	2.6	5	1.5	-	-	22	6.5
	9º ano	21	6.2	18	5.3	25	7.4	5	1.5	69	20.1
	12º ano	22	6.5	31	9.1	1	0.3	49	14.4	103	30.2
	Licenciatura	9	2.6	25	7.4	-	-	63	18.5	97	28.7
	Mestrado	3	0.9	2	0.6	-	-	12	3.5	17	5.0
	Doutoramento	1	0.3	1	0.3	-	-	-	-	2	0.6
	Outro	4	1.2	2	0.6	1	0.3	1	0.3	8	2.4
Situação Laboral	Estudante	-	-	1	0.3	34	10.5	85	26.2	120	37
	Desempregado	3	0.9	12	3.7	-	-	12	3.7	27	8.3
	Reformado	6	1.9	1	0.3	-	-	-	-	7	2.2
	Empregado a tempo parcial	3	0.9	8	2.5	-	-	7	2.2	18	5.6
	Empregado a tempo integral	60	18.5	68	21.0	-	-	24	7.4	152	46.9
Nível Socioeconómico	Baixo	22	6.3	31	8.8	12	3.4	38	10.8	103	29.3
	Médio	32	9.1	43	12.3	17	4.8	57	16.2	149	42.5
	Alto	26	7.4	28	8.0	7	2.0	38	10.6	99	28.2

Tabela 2. Características Familiares da Amostra

Tipo de Família	Total N=113	
	<i>n</i>	%
Família Nuclear Intacta	91	84
Família Reconstituída	6	3.1
Família Monoparental	15	11.4
Família Pós-Divórcio	1	1.4
Nº de elementos do agregado	2	11
	3	60
	4	32
	5	9
	6	0
	7	1

3.3. Instrumentos

3.3.1. Questionário de Dados Sociodemográficos e Familiares

É um questionário de autorresposta, elaborado pela equipa de investigação, com o objetivo de identificar as características dos participantes, tanto ao nível sociodemográfico, como em termos familiares. Assim, este questionário pretende recolher informações pessoais, tais como o sexo, o estado civil, a nacionalidade, o local de residência, a idade e o nível socioeconómico. No que se reporta às características familiares, o questionário permite identificar a papel do respondente no agregado familiar (pai, mãe, padrasto ou filho adolescente), qual a composição do agregado familiar (número de elementos, grau de parentesco) e a etapa do ciclo vital em que se encontra a família.

3.3.2. *Emerging Technologies & Families Survey (SEFT; Bacigalupe, Camara & Buffardi, 2014)*

O SEFT tem como objetivo caracterizar a utilização das TIC e a perceção acerca do impacto das mesmas nas famílias. A versão utilizada neste estudo foi adaptada para o contexto português por Carvalho, Francisco, Bacigalupe e Relvas (2016). O SEFT é constituído por sete escalas, sendo que as quatro primeiras são descritivas e têm como finalidade avaliar o tipo de utilização das TIC, nomeadamente: (1) Conhecer os tipos de TIC usadas (e.g., *email, telemóvel, redes sociais*); (2) Tempo de utilização (e.g., *1 vez por semana, até 3 horas por dia, mais de 12 horas por dia*); (3) Finalidade (e.g., *profissional, entretenimento*) e (4) Contexto de utilização (e.g., *trabalho, casa, em mobilidade*).

A quinta escala (5) *Family Technology Adoption Scale (FTAIS)* pretende avaliar a perceção do impacto das TIC na família e é composta por 10 itens que são avaliados numa escala de *Likert* (1 = *Concordo Muito* a 5 = *Discordo Muito*). Cinco dos itens são relativos ao impacto positivo (e.g., *As TIC promovem uma boa comunicação na família*) e os outros cinco são relativos ao impacto negativo (e.g., *As TIC interferem com as regras familiares*). Os valores mais elevados indicam uma perceção mais positiva quanto ao impacto das TIC na família (Bacigalupe et al., 2014). Na versão original, Bacigalupe et al. (2014) encontraram uma consistência interna razoável ($\alpha = .78$) nos estudos realizados com esta escala, de acordo com o critério de Pestana e Gageiro (2008).

A sexta escala integrada no SETF é a (6) *Clinical Family Problems (CFP)*, a qual é constituída por 11 itens em que é pedido aos sujeitos que identifiquem as situações com as quais se depararam ao utilizar as TIC, respondendo de um modo dicotómico (*Sim* ou *Não*). Três dos itens da CFP são relativos a aspetos positivos (e.g., *Utilização das TIC para contactar a família distante*) e oito itens relativos a situações negativas (e.g., *Discussões sobre o tempo de utilização das TIC*). Os valores mais elevados indicam um maior

número de problemas familiares relacionados com as TIC. O *Alpha de Cronbach* reportado nos estudos originais é de .64, indicando uma consistência interna fraca (Pestana & Gageiro, 2008).

Por fim, a última escala que compõe o SETF refere-se à (7) *Clinical Technology Attitudes* (CTA) e avalia a utilidade e facilidade de utilização das TIC, tal como a intenção da sua utilização no futuro. Esta escala é constituída por quatro itens e é utilizada uma escala de resposta de *Likert* com cinco opções de resposta (1 = *Concordo Totalmente* a 5 = *Discordo Totalmente*). Em termos de interpretação, valores mais elevados indicam uma melhor atitude face às tecnologias (Carvalho et al., 2016).

3.3.3. Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation (SCORE-15; Stratton, Bland, Janes & Lask, 2010)

É uma versão reduzida da versão original de 40 itens (SCORE-40) e neste estudo foi utilizada a versão do SCORE-15 adaptada para a população portuguesa por Vilaça, Silva e Relvas (2014). É um instrumento de autorrelato que avalia diversos aspetos do funcionamento familiar sensíveis à mudança terapêutica, contendo quinze itens distribuídos por três dimensões (cinco em cada dimensão): (1) *Recursos Familiares* (e.g., *Somos bons a encontrar novas formas de lidar com as dificuldades*), (2) *Comunicação na Família* (e.g., *Na minha família muitas vezes não se diz a verdade uns aos outros*) e (3) *Dificuldades Familiares* (e.g., *Sentimos que é difícil enfrentar os problemas do dia-a-dia*) (Vilaça et al., 2014).

Os itens são pontuados numa escala de *Likert* que varia de 1 (*Descreve-nos muito bem*) a 5 (*Descreve-nos muito mal*), relativamente a uma série de afirmações que se relacionam com a vida familiar (Vilaça et al., 2014). Quanto à interpretação dos dados, os resultados mais baixos equivalem a um melhor funcionamento familiar (Vilaça et al., 2014). Para além da pontuação total, podem ainda obter-se a pontuação para cada uma das três dimensões.

Nos estudos originais (Stratton et al., 2010), tanto na amostra clínica como na não-clínica, o resultado total da escala assumiu uma elevada consistência interna ($\alpha=.93$ e $\alpha=.90$, respetivamente). A adaptação portuguesa (Vilaça et al., 2014) exhibe bons níveis de consistência interna tanto na pontuação total ($\alpha=.84$), como nas subescalas (1) *Recursos Familiares* ($\alpha=.85$), (2) *Comunicação Familiar* ($\alpha=.83$) e (3) *Dificuldades Familiares* ($\alpha=.82$) (Vilaça et al., 2014).

Nos estudos de fiabilidade realizados na presente amostra obtiveram-se os seguintes resultados: SCORE total ($\alpha=.92$), *Recursos Familiares* ($\alpha=.78$), *Comunicação Familiar* ($\alpha=.85$) e *Dificuldades Familiares* ($\alpha=.86$) os quais indicam uma boa fiabilidade, semelhante aos valores obtidos pelos autores adaptação portuguesa (Vilaça et al., 2014).

3.4. Procedimentos de Investigação

Para o tratamento estatístico dos dados desta investigação recorreu-se à utilização do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS,

versão 22.0). Numa primeira fase foram efetuadas uma série de tarefas preliminares, tais como a inversão de itens negativos do SCORE-15, da FTAIS e CFP. Procedeu-se também ao cálculo dos totais e somatórios das subescalas do SCORE-15 (*Recursos familiares*, itens 1, 3, 6, 10 e 15; *Comunicação familiar*, itens 2, 4, 8, 12 e 13; *Dificuldades familiares*, itens 5, 7, 9, 11 e 14). Outra das tarefas preliminares consistiu em testar os pressupostos de normalidade da distribuição das respostas aos fatores e à escala total (teste de *Kolmogorov-Smirnov* e *Shapiro-Wilk*). Foram ainda efetuadas estatísticas descritivas, medidas de localização e tendência central (média aritmética) e medidas de dispersão (desvio-padrão).

Seguidamente, foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) da escala FTAIS, de modo a evidenciar a estrutura fundamental implícita nos dados iniciais e identificar fatores independentes. A consistência interna da FTAIS, da CFP e do SCORE-15 foi avaliada através do *Alpha de Cronbach*.

Posteriormente, de modo a identificar grupos com diferentes padrões de utilização individual das TIC, recorreu-se ao procedimento estatístico de *Two Step Cluster*, o qual permite analisar de um modo flexível conjuntos de variáveis contínuas e categoriais (Egea, Menéndez, & González, 2006). Para aumentar a eficiência desta análise, de modo a reduzir a dispersão dos dados, foram criadas quatro categorias relativas à frequência de utilização das TIC, sendo elas *Nunca*, *Semanalmente*, *Até três horas por dia* e *Mais de três horas por dia*. Do mesmo modo, e também para facilitar a leitura dos dados, foram criadas duas categorias de sujeitos: 1) os *Pais*, que agrupa pais e mães e 2) os *Filhos*, que agrupa filhos adultos e adolescentes.

Por fim, no que concerne às análises de estatística inferencial, recorreremos ao teste *t* de *Student* para amostras independentes, com vista à comparação dos resultados gerais entre os grupos de utilizadores das TIC.

IV - Resultados

4.1. Análises Preliminares

4.1.1. Análise Fatorial Exploratória (AFE) da FTAIS

Para esta análise estatística foi utilizada uma amostra de maiores dimensões (Pestana & Gageiro, 2008), composta por 483 sujeitos, recolhida no âmbito do projeto de investigação referido na secção 3.1. Os 10 itens da FTAIS foram submetidos a uma AFE através do método de factorização do eixo principal, com retenção de fatores mediante o critério de Kaiser (Pallant, 2013). A AFE revela a presença de dois fatores com *eigenvalues* superiores a um, com a capacidade de explicar 43.67% da variância total, explicando o primeiro fator 25.27% da variância e o segundo 18.40%. Para ajudar na interpretação dos fatores foram repetidas as análises com rotação *varimax*, seguindo o pressuposto teórico de que os fatores são independentes (Pestana & Gageiro, 2008). Tal como consta da Tabela 3, a solução rodada revelou novamente uma estrutura bifatorial. Ao distribuir os itens pelos fatores

(considerando o valor da sua saturação), ambos os fatores incluem cinco itens. O total da escala representada pela estrutura final e o total dos 10 itens iniciais revelam uma correlação de .716 ($p < .05$), o que indica níveis de consistência razoáveis (Pestana & Gageiro, 2008).

Tabela 3 Distribuição dos itens da FTAIS pelos respectivos fatores – $n=483$

Item	Fator 1	Fator 2	h^2
3 - As TIC interferem com as regras familiares	.689		.479
7 - As TIC interferem na intimidade familiar	.790		.624
9 - As TIC tornam a família mais vulnerável	.687		.487
1 - As TIC reduzem o tempo passado em família	.533		.318
5 - As TIC colocam em risco a privacidade familiar	.743		.553
2 - As TIC promovem uma boa comunicação na família		.631	.428
4 - As TIC melhoram a coesão familiar		.733	.566
6 - As TIC facilitam as relações entre gerações		.512	.266
8 - As TIC acompanham as mudanças da família ao longo do tempo		.506	.284
10 - As TIC ajudam as famílias a ultrapassar dificuldades	.016	.602	.363
% variância explicada	25.27%	18.40%	
% variância explicada total	43.47%		
A	.815		.729
α Total			.716

4.1.2. Consistência Interna

Como indicador da consistência interna da FTAIS foi considerado o *Alpha de Cronbach* (α) para a amostra do presente estudo ($n=351$). O valor encontrado para os 10 itens da FTAIS foi de .737, verificando-se assim que a escala apresenta uma consistência interna razoável (Pestana & Gageiro, 2008). Na CFP o coeficiente do *Alpha de Cronbach* foi de .435, o que indica que a variabilidade das respostas a cada um dos itens não é suficiente para explicar a variabilidade do total do instrumento, pois demonstra uma baixa consistência interna (Pestana & Gageiro, 2008).

4.2. Identificação de Grupos de Utilizadores das TIC

Através da análise de *Two Step Cluster* foi possível identificar dois *clusters*, ou seja, dois grupos distintos de utilizadores das TIC, atendendo à frequência e diversidade de utilização das mesmas. O menor *cluster*, Grupo 1, é composto por 135 sujeitos, o que corresponde a 44.1% da amostra total. Já o maior, o Grupo 2, corresponde a 171 sujeitos, correspondendo a 55.9% da amostra total. Foram excluídos 45 sujeitos da amostra (12.5%) devido a respostas omissas. A proporção de tamanhos entre os dois *clusters* constitui um rácio de 1.27. Na Tabela 4 constam as categorias de resposta mais frequentes em cada grupo, assim como a respetiva importância preditiva, isto é, a capacidade que cada uma das variáveis tem para distinguir os grupos (Egea et al., 2006).

Tabela 4. Categorias mais frequentes de utilização das TIC e respetiva importância preditiva

Categoria	Importância	Grupo 1	Grupo 2
		Categoria mais frequente (%)	Categoria mais frequente (%)
<i>Smartphone</i>	1.00	Mais de 3h por dia (52.6%)	Nunca (90.4%)
Internet	0.88	Até 3h por dia (50.3%)	Nunca (57.8%)
Redes Sociais	0.79	Até 3h por dia (49.1%)	Nunca (74.1%)
Computador Portátil	0.76	Mais de 3h por dia (50.3%)	Nunca (66.7%)
<i>E-mail</i>	0.63	Até 3h por dia (45.6%)	Nunca (61.5%)
Telemóvel	0.48	Mais de 3h por dia (36.3%)	Até 3h por dia (53.3%)
Videoconferência	0.43	Nunca (46.8%)	Nunca (95.6%)
<i>Tablet</i>	0.23	Nunca (53.8%)	Nunca (89.6%)
Videojogos	0.17	Nunca (72.5%)	Nunca (97.0%)
Página <i>web</i>	0.13	Nunca (82.5%)	Nunca (100.0%)
<i>eBooks</i>	0.06	Nunca (89.5%)	Nunca (99.3%)
Computador de secretária	0.03	Nunca (62.0%)	Nunca (68.9%)
Telefone fixo	0.02	Semanalmente (52.0%)	Semanalmente (57.0%)

4.2.1. Grupo de Utilizadores Especialistas (GUE)

Atendendo à classificação de Johnsson-Smaragdi (2001), optou-se por designar este *cluster* de Grupo de Utilizadores Especialistas (GUE). Este é um grupo que dá preferência à utilização de novas tecnologias (Bacigalupe & Lambe, 2011; Carvalho et al., 2015), dado que mais de metade dos utilizadores usa o *Smartphone* mais de três horas por dia (52.6%), assim como o *Computador Portátil* (50.3%). Na categoria relativa à frequência de *Até três horas por dia*, este grupo de utilizadores dá também grande preferência à utilização de Internet (50.3%), Redes Sociais (49.1%) e *E-mail* (45.6%) (cf. Tabela 4).

Tal como é possível verificar na Tabela 5, no GUE a idade média dos sujeitos é de 26.71 anos ($DP=12.441$), sendo que 34 são *Pais* (19.9%) e 137 *Filhos* (80.1%). Quanto ao sexo, 104 são do sexo feminino, representando 60.8% do grupo, e 67 são do sexo masculino, representando 39.2%. No que toca ao nível de escolaridade, os sujeitos possuem maioritariamente o 12º ano de escolaridade, constituindo 35.1% ($n=59$) do grupo, 34.5% possuem licenciatura ($n=58$) e 17.9% o 9º ano de escolaridade ($n=30$). No que toca ao nível socioeconómico, 42.7% dos elementos pertencem ao nível médio ($n=73$), 33.3% ao nível alto ($n=57$) e 24% ao nível baixo ($n=41$).

Tabela 5. Características Sociodemográficas do Grupo de Utilizadores Especialistas

		Total N=171	
		n	%
Sexo	Feminino	104	60.8
	Masculino	67	39.2
Elemento da Família	Pais	34	19.9
	Filhos	137	80.1
Nível Socioeconómico	Baixo	41	24.0
	Médio	73	42.7
	Alto	57	33.3
Nível de Escolaridade	4º ano	1	0.6
	6º ano	4	2.4
	9º ano	30	17.9
	12º ano	59	35.1
	Licenciatura	58	34.5
	Mestrado	12	7.1
	Doutoramento	1	0.6
	Outro	3	1.8

4.2.2. Grupo de Utilizadores Tradicionais (GUT)

Tomando também como base a classificação de Johnsson-Smaragdi (2001), optou-se por designar este *cluster* como o Grupo de Utilizadores Tradicionais (GUT). Os utilizadores deste grupo dão preferência a tecnologias de carácter mais tradicional (Reddi, 2006), uma vez que dão preferência ao *Telemóvel*, que utilizam *Até três horas por dia* (53.3%) e ao *Telefone fixo*, que utilizam *Semanalmente* (57.0%) (cf. Tabela 4).

Tal como se verifica na Tabela 6, a média de idades dos sujeitos deste grupo é de 47.99 anos ($DP=10.078$) e é composto por 122 *Pais* (90.4%) e por 13 *Filhos* (9.6%). Os sujeitos do sexo feminino constituem 60.7% do grupo ($n=82$), representando o sexo masculino 39.3% ($n=53$). Quanto ao nível de escolaridade, a maioria dos sujeitos possui o 12º ano de escolaridade (26.8%, $n=34$), seguidos por aqueles que têm o 9º ano de escolaridade (25.2%, $n=32$) e o 4º ano de escolaridade (15%, $n=19$). O nível socioeconómico mais frequente é o médio (43.7%, $n=59$), seguido do nível baixo (40%, $n=54$) e, por fim, o nível alto (16.3%, $n=22$).

Tabela 6. Características Sociodemográficas do Grupo de Utilizadores Tradicionais

		Total N=135	
		n	%
Sexo	Feminino	82	60.7
	Masculino	53	39.3
Elemento da Família	Cuidadores	122	90.4
	Filhos	13	9.6
Nível Socioeconómico	Baixo	54	40.0
	Médio	59	43.7
	Alto	22	16.3
Nível de Escolaridade	4º ano	19	15.0
	6º ano	16	12.6
	9º ano	32	25.2
	12º ano	34	26.8
	Licenciatura	18	14.2
	Mestrado	2	1.6
	Doutoramento	1	0.8
	Outro	5	3.9

4.3. Comparação do Funcionamento Familiar no GUT e GUE

Através da análise do teste *t* de *Student* para amostras independentes, procedeu-se à comparação do funcionamento familiar nos dois grupos identificados. Conforme consta da Tabela 7, verificou-se que existem diferenças estatisticamente significativas no funcionamento familiar entre os grupos, designadamente: para o GUE ($M=32.12$, $DP=7.711$) e para o GUT [$M=35.01$, $DP=8.284$; $t(279)=-3.009$, $p=.003$]. Os resultados obtidos indicam que o GUT apresenta um pior funcionamento familiar comparativamente ao GUE. A magnitude de diferenças nas médias é pequena ($\eta^2=-.011$).

Tabela 7. Teste *t* entre o GUT e o GEU com o SCORE-15 total e respetivas dimensões

	<i>T</i>	<i>df</i>	<i>p</i>
SCORE-15 total	2.26*	112	.026
Recursos familiares	-.74	280	.462
Dificuldades familiares	-3.34**	286	.001
Comunicação familiar	-2.99*	289	.003

* $p<.05$; ** $p<.001$

4.3.1. Comparação dos Recursos Familiares no GUE e GUT

Os resultados obtidos revelam que não existem diferenças significativas nos recursos familiares para o GUE ($M=2.00$, $DP=0.669$) e GUT [$M=2.06$, $DP=0.625$; $t(279.801)=-.736$, $p=.462$], demonstrando assim ambos os grupos resultados semelhantes nos recursos familiares (cf., Tabela 7).

4.3.2. Comparação das Dificuldades Familiares no GUE e GUT

Verificamos que existem diferenças estatisticamente significativas nas dificuldades familiares no GUE ($M=2.29$, $DP=0.569$) e GUT [$M=2.53$, $DP=0.643$; $t(286)=-3.337$, $p=.001$]. A magnitude de diferenças nas médias é pequena ($\eta^2=-.011$) e os resultados obtidos apontam no sentido de maiores dificuldades familiares no GUT comparativamente ao GUE.

4.3.3. Comparação da Comunicação Familiar no GUE e GUT

Os resultados obtidos evidenciam que existem diferenças estatisticamente significativas na comunicação familiar no GUE ($M=2.13$, $DP=0.687$) e GUT [$M=2.39$, $DP=0.799$; $t(289)=-2.997$, $p=.003$], o que significa que o GUT apresenta mais problemas na comunicação familiar comparativamente ao GUE. A magnitude de diferenças nas médias é pequena ($\eta^2=-.010$).

4.4. Comparação da Perceção do Impacto das TIC no GUE e GUT

A comparação do impacto das TIC na família nos dois grupos de utilizadores das TIC foi realizada através de um teste *t* para amostras independentes. Na Tabela 9 observa-se que não existem diferenças estatisticamente significativas no GUE ($M=30.45$, $DP=4.765$) e GUT [$M=31.74$, $DP=5.441$; $t(232.192)=-2.037$, $p=.053$]. Os resultados não apontam

para a existência de diferenças quanto à percepção do impacto das TIC nos dois grupos.

Tabela 8. Teste t para amostras independentes entre o GUT e o GUE na Percepção do Impacto das TIC

	<i>t</i>	<i>Df</i>	<i>p</i>
Percepção do Impacto das TIC	-2.04*	232	.053

* $p < .05$.

V - Discussão

De modo a contribuir para a investigação sobre as implicações da utilização das TIC no sistema familiar, o presente estudo tem como objetivo comparar o funcionamento familiar de diferentes grupos de utilizadores das TIC em famílias com filhos adultos. Quanto aos grupos de utilizadores identificados, se analisarmos as características sociodemográficas, é possível verificar uma maior presença de pais no GUT e o inverso acontece no GUE, onde existe um maior número de filhos. Em ambos os grupos o NSE predominante é o médio, já no GUE existem mais sujeitos do NSE alto comparativamente ao GUT, verificando-se o inverso no que diz respeito ao NSE baixo, onde há uma presença superior no GUT em relação ao GUE. Quanto aos níveis de escolaridade, no GUE predominam os sujeitos que possuem *licenciatura*, seguidos daqueles que possuem o *12º ano*, já no GUT predominam aqueles que têm o *9º ano*, seguidos daqueles que possuem o *12º ano*, o que indica um nível de instrução mais elevado no primeiro grupo. Tal como referido na literatura, este tipo de diferenças no nível socioeconómico e nível de escolaridade podem estar associadas às diferentes acessibilidades na aquisição de meios tecnológicos mais avançados, o que acaba por influenciar a própria utilização das TIC (Cardoso et al., 2014). As diferenças entre as características sociodemográficas dos sujeitos que compõe os grupos permitem também compreender melhor quem são os utilizadores incluídos em cada um dos grupos. Assim, no GUT encontramos maioritariamente utilizadores das TIC pertencentes à categoria *Pais*. Os elementos deste grupo têm um NSE e níveis de escolaridade mais baixos comparativamente ao GUE, onde nos deparamos maioritariamente com sujeitos pertencentes à categoria *Filhos*. Neste segundo grupo o NSE e níveis de escolaridade são relativamente mais elevados.

Posteriormente à identificação dos diferentes grupos de utilizadores das TIC, procedeu-se à comparação dos grupos ao nível do funcionamento familiar (e das suas dimensões) e da percepção do impacto das TIC na família. Concluiu-se que o funcionamento familiar apresentou diferenças significativas entre os grupos de utilizadores das TIC, ou seja, a pontuação total do SCORE-15 parece apontar no sentido de um melhor funcionamento familiar no GUE quando comparado com o GUT. Ainda relativamente ao funcionamento familiar, é de realçar que existem diferenças significativas nas dimensões (1) dificuldades familiares e (2) comunicação familiar, verificando-se no GUT

mais dificuldades familiares e mais problemas na comunicação familiar, comparativamente ao GUE. É possível encontrar na literatura resultados que apontam no mesmo sentido, uma vez que a diversidade de TIC utilizadas e o tempo de utilização destas parece estar positivamente relacionado com o aumento do nível de comunicação e conectividade entre os elementos da família (Cardoso, 2008; Mesch, 2009; Williams & Merten, 2011). Ainda assim, existe também evidência empírica que aponta no sentido do favorecimento da emergência de conflitos intergeracionais (Mesch, 2009) ou até mesmo de alguns riscos (Hertlein, 2012). Todavia, no presente estudo a utilização das TIC parece não estar associada a maiores dificuldades na família e a uma pior comunicação nestas famílias (Stern & Messer, 2009; Sttaford & Hillyer, 2012). Para além disso, nesta investigação não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ao nível dos recursos familiares, revelando assim que ambos os grupos de utilizadores das TIC percecionam de modo semelhante as suas competências familiares e a forma de lidar com os problemas entre os diversos elementos do agregado.

Tal como evidenciado na literatura, hoje em dia os meios tecnológicos fazem parte do meio familiar (Venkatesh, 1996), mas tal acontece de modo diferente consoante os utilizadores em questão (Stern & Messer, 2009). No caso do grupo cuja utilização das TIC é menos frequente (GUT), os sujeitos dão preferência ao *telemóvel* e ao *telefone*, tecnologias de carácter mais tradicional (Reddi, 2006). Já no caso do grupo de utilizadores mais frequente (GUE), existem diversas tecnologias de utilização diária entre os utilizadores. Em particular, há uma maior diversificação na utilização tecnológica, sendo as categorias de maior importância preditiva o *smartphone*, a *Internet*, as *redes sociais*, o *computador portátil*, o *e-mail*, o *telemóvel* e a *videoconferência*. Estes dados revelam que o GUT utiliza tecnologias há mais tempo conhecidas pelos sujeitos e dedicam-lhes menos tempo, já o GUE dá preferência a tecnologias mais recentes e com as quais o meio familiar ainda está a travar conhecimento (Cardoso et al., 2014; Hynes & Richardson, 2009; Pontes & Patrão, 2014).

Os resultados obtidos vão também de encontro ao que autores como Hunt (1985) tinham previsto, ao verificarmos que a utilização da tecnologia tende a modificar a forma de comunicação entre os elementos do sistema familiar, pois quer se tratem de utilizadores tradicionais ou frequentes, a comunicação por meio das telecomunicações está presente em ambos os grupos de utilizadores encontrados na amostra, tendo em conta a faixa etária dos utilizadores (Ramsey et al., 2013). Uma vez que entre os utilizadores especialistas encontramos substancialmente mais filhos do que no grupo de utilizadores tradicionais, tal vai também de encontro à literatura, já que os jovens adultos realizam as suas escolhas relativamente à utilização das TIC mediante o tipo de relações e do modo de comunicação que pretendem das mesmas (Arnett, 2006). Fazem também uma utilização mais frequente dos meios de comunicação dentro e fora do meio familiar que indicam melhor

comunicação familiar nos utilizadores frequentes das TIC (Ramsey et al., 2013).

Os resultados parecem também apontar no sentido de que a comunicação entre os membros da família passa a ocorrer de um modo mais constante, logo existe a possibilidade de estar a acontecer uma aproximação e aumento da intimidade entre os membros do sistema familiar (Cardoso et al., 2014; Devitt & Roker, 2009; Ramsey et al., 2013) veiculada por estas. Dado que as TIC podem ainda refletir uma forma de comunicação entre os membros do sistema familiar (Ramsey et al., 2013), observamos que uma larga proporção da amostra utilizada é composta por estudantes, que tendencialmente dão preferência a meios de comunicação portáteis e que realizam funções de carácter social, fomentando a função relacional da comunicação (Pontes & Patrão, 2014). De notar também que há uma preferência por tecnologias portáteis, tal pode dever-se à sua praticidade e comodidade (Pontes & Patrão, 2014), permitindo também passar um maior número de horas *on-line*. Este resultado pode ainda prender-se com a acessibilidade dos dispositivos usados (Hertlein, 2012), uma vez que a importância dos preditores encontrados com a análise de *clusters* recai em dispositivos que podem ser utilizados em mobilidade (Cardoso et al., 2014). Com base no Modelo Multiteórico de Hertlein (2012), podemos ainda pensar sobre as mudanças ao nível da estrutura das relações, nomeadamente, uma crescente negociação e equilíbrio das regras, que tipo de limites devem existir e quais os papéis das TIC na relação entre pais e filhos.

Dado que a utilização das TIC permite uma maior monitorização da vida dos seus filhos (Devitt & Roker, 2009), as ligações emocionais, o tempo partilhado pelos membros do agregado familiar e a comunicação entre estes podem facilitar a proximidade familiar (Williams & Merten, 2011), ou seja, a tecnologia pode ser compreendida pelos filhos como uma forma de aproximação familiar (Cardoso et al., 2014). Não obstante, existem estudos que defendem que este aumento da comunicação com recurso às TIC conduz a uma diminuição das interações no ambiente doméstico, podendo conduzir também ao surgimento de problemas de comunicação (Kraut et al., 1998). No entanto, os dados encontrados no presente estudo apontam na direção oposta, dado que o GUE apresenta uma melhor comunicação familiar comparativamente ao GUT.

No que se refere aos estudos preliminares efetuados com o intuito de contribuir para a validação e adaptação das escalas do SEFT para Portugal, os resultados de consistência interna para a FTAIS indicam que esta possui uma fiabilidade aceitável, pois o valor obtido é de .716 (Pestana & Gageiro, 2008). É ainda de considerar que a FTAIS é uma escala de apenas 10 itens, sendo que a fragilidade do alfa a medidas pequenas tem sido já referida por autores como Pallant (2013). Por outro lado, a fiabilidade de uma escala também pode variar dependendo da amostra utilizada (Pallant, 2013), como tal sugere-se a utilização em diferentes amostras ou até a realização de estudos qualitativos

para compreender que outras variáveis podem estar a interferir com os valores obtidos.

VI - Conclusões

Apesar da existência de uma grande amplitude de investigação e sistematização sobre a evolução da utilização tecnológica, esta continua a ser um vasto campo de estudo por descobrir. Quando falamos de como a utilização das TIC influencia o sistema familiar, pensamos em quais as consequências desta interação. Foi com este mote que se pretendeu investigar em torno deste tema, realizando um estudo exploratório sobre a relação entre a utilização das TIC e o funcionamento familiar.

Sem dúvida que “as famílias são continuamente confrontadas por desafios, mudanças e oportunidades” e que as “diversas mudanças na sociedade têm produzido alterações nas relações familiares.” (Parke, & Buriel, 2008, 113). Como tal, o estudo do funcionamento familiar e das alterações introduzidas pelas TIC. Através da presente investigação, consideramos, então, ser possível retirar algumas conclusões de interesse, quer a nível teórico, quer do ponto de vista prático. Os resultados revelam a existência de dois grupos distintos de utilizadores das TIC: Grupo de Utilizadores Especialistas (GUE) e Grupo de Utilizadores Tradicionais (GUT), verificando-se melhores resultados ao nível do funcionamento familiar, comunicação familiar e dificuldades familiares no grupo em que as TIC são utilizadas com maior frequência e em maior diversidade.

À luz da Teoria da Domesticação (Hirsch e Silverstone, 2003) verifica-se que a inclusão de tecnologias mais recentes passa a ter um papel ativo no quotidiano familiar (Hynes & Richardson, 2009). Já Aponte (2009) procurou investigar o impacto das TIC na interação familiar e como estas podem influenciar as relações interpessoais, formas de socialização, aprendizagem, cultura ou lazer. Sendo assim, futuramente seria interessante analisar os contextos e as finalidades de utilização das TIC de modo a compreender que tipo de mudanças a introdução tecnológica trouxe quer para as famílias, quer para os próprios indivíduos. Seria também interessante avaliar os significados atribuídos às TIC, bem como compreender as diferentes utilizações que destas decorrem pelos indivíduos e pelas famílias nos seus contextos sociofamiliares (Birkland, 2013; Zhong, 2013) e se poderá eventualmente existir uma alteração do significado e integração das TIC nos hábitos familiares (Hirsch e Silverstone, 2003; Mansell & Silverstone, 1996). Com tal, sugere-se o recurso a outros métodos de investigação, tais como estudos qualitativos ou longitudinais, de modo a compreender melhor que tipo de mudanças podem estar a acontecer neste sentido.

Segundo Brandtzæg (2010), há dados que apontam no sentido de que a comunicação e a interatividade familiar podem ser facilitadas pelas TIC. No entanto, existem ainda muitas questões para analisar, tais como a compreensão da possível eficácia dos padrões de comunicação do GUE para a resolução dos problemas familiares, de que modo a comunicação pode influenciar a

superação de dificuldades na família e até se estas diferenças podem residir no tipo de tecnologias por si utilizadas (Pontes & Patrão, 2014). Propõe-se também a reflexão futura sobre a possibilidade de mudanças no processo das relações e que repercussões estas podem trazer ao desenvolvimento de relações entre os elementos do sistema familiar (Hertlein, 2012).

Considerando que este é um estudo de natureza exploratória, em investigações futuras sugere-se a possibilidade de efetuar estudos que repliquem a análise entre estas variáveis com amostras mais alargadas, nomeadamente realizar estudos que atendessem à interdependência dos dados, por exemplo através de análises multinível. A criação de *clusters* seria também beneficiada com a utilização de uma amostra maior, uma vez que podem surgir mais grupos de utilizadores, tal como é indicado na literatura Brandtzæg (2010). A realização de estudos com outras etapas do ciclo vital ou até a comparação entre estas são também pertinentes linhas de investigação futura. Esses estudos acrescentariam valor à presente investigação e permitiriam verificar as diferenças no funcionamento familiar em comparação com tarefas inerentes às diferentes fases do ciclo vital familiar. A investigação com famílias oriundas de contextos culturais distintos e as diferentes perceções da inserção tecnológica na família são outra interessante linha de investigação. Tendo em conta os modelos teóricos expostos no presente estudo, seria ainda pertinente estudar de que modo as TIC afetam a intimidade e a mudança de papéis dos sujeitos dentro do sistema familiar.

Bibliografia

- Alarcão, M. (2000). *(Des)equilíbrios Familiares*. Coimbra: Edições Quarteto.
- American Psychological Association (2010). *Publication Manual of the American Psychological Association* (6th Ed.). Washington, DC: Author.
- Amichai-Hamburger, Y., & Hayat, Z. (2011). The impact of the Internet on the social lives of users: A representative sample from 13 countries. *Computers in Human Behavior*, 27(1), 585-589.
- Aponte, R. (2009). The communications revolution and its impact on the family: significant, growing, but skewed and limited in scope. *Marriage & Family Review*, 45(8), 576-586.
- Arnett, J. (2006). *Emerging Adulthood: the winding road from the late teens through the twenties*. Oxford: Oxford University Press.
- Bacigalupe, G., & Lambe, S. (2011). Virtualizing intimacy: Information communication technologies and transnational families in therapy. *Family process*, 50(1), 12-26.
- Bacigalupe, G., Camara, M., & Buffardi, L.E. (2014). Information communication technologies in families and the clinical encounter: A cross-national survey SEFT. *Journal of Family Therapy*, 36(4), 3-22.
- Berger, P., & Kellner, H. (1970). Marriage and the construction of reality. In H. Dreitzel (Ed.), *Patterns of communicative behavior: Recent sociology*, 2(pp. 50 – 72). New York: Macmillan.
- Birkland, J., L., H. (2013). A Theory of ICT User Types: Exploring Domestication and Meaning of ICTS through Comparative Case Studies. *The School of Information Studies- Dissertations*, 77.
- Blinn-Pike, L. (2009). Technology and the Family: An Overview from the 1980s to the Present. *Marriage & Family Review*, 45(6-8), 567-575.
- Brandtzæg, P. B. (2010). Towards a unified Media-User Typology (MUT): A meta-analysis and review of the research literature on media-user typologies. *Computers in Human Behavior*, 26(5), 940–956.

- Brandtzæg, P. B., & Heim, J. (2009). Children's electronic gaming content preferences and psychosocial factors – Is there a connection? *Nordicom Review*, 30(2), 69–87.
- Briggs, S. R., & Cheek, J. M. (1986). The role of factor analysis in the development and evaluation of personality scales. *Journal of Personality*, 54, 106–148.
- Burkitt, I. (2002). Technologies of the self: Habitus and capacities. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 32(2), 219–237.
- Cardoso, G., Espanha, R., & Lapa, T. (2007). *E-Generation: os usos de media pelas crianças e jovens em Portugal*. Lisboa: CIES-ISCTE.
- Cardoso, G., Mendonça, S., Lima, T., Paisana, M., & Neves, M. (2014). *A Internet em Portugal. Sociedade em Rede 2014*. Publicações OberCom.
- Carvalho, J., Francisco, R., & Relvas, A. P. (2015). Family functioning and information and communication technologies: How do they relate? A literature review. *Computers in Human Behavior*, 45, 99-108.
- Carvalho, J., Francisco, R., Bacigalupe, G., & Relvas, A. P. (2016) *Questionário Famílias & Tecnologias Emergentes* (versão para investigação). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Colley, A., & Maltby, J. (2008). Impact of the Internet on our lives: Male and female personal perspectives. *Computers in Human Behavior*, 24(5), 2005–2013.
- Cummings, J. N., Butler, B., & Kraut, R. (2002). The quality of online social relationships. *Communications of the ACM*, 45(7), 103-108.
- Devitt, K., & Roker, D. (2009). The role of mobile phones in family communication. *Children & Society*, 23(3), 189-202.
- Egea, J. M. O., Menéndez, M. R., & González, M. V. R. (2006). Diffusion and usage patterns of Internet services in the European Union. *Information Research*, 12(2), 15.

- Fang, Y., & Wang, J. (2011). Penalized cluster analysis with applications to family data. *Computational Statistics & Data Analysis*, 55(6), 2128-2136.
- Geerts, D., Obrist, M., Tscheligi, M., & Brandtzæg, P. B. (2007, April). Supporting non-professional users in the new media landscape. In *CHI'07 Extended Abstracts on Human Factors in Computing Systems* (pp. 2849-2852). ACM.
- Georgiades, K., Boyle, M. H., Jenkins, J. M., Sanford, M., & Lipman, E. (2008). A multilevel analysis of whole family functioning using the McMaster Family Assessment Device. *Journal of Family Psychology*, 22(3), 344.
- Haythornthwaite, C. (2005). Social networks and Internet connectivity effects. *Information, Community & Society*, 8(2), 125-147.
- Hertlein, K. M. (2012). Digital Dwelling: Technology in couple and family relationship. *Family Relations*, 61(3), 374-387.
- Hirsch, E., & Silverstone, R. (Eds.). (2003). *Consuming technologies: Media and information in domestic spaces*. Routledge.
- Houghton, D. J., & Joinson, A. N. (2010). Privacy, social network sites, and social relations. *Journal of Technology in Human Services*, 28(1-2), 74-94.
- Hundley, V., & Teijlingen, E. R. V. (2001). The importance of pilot studies. *Social Research Update*, University of Surrey, Surrey.
- Hunt, R. A. (1985). Computers and Families- An Overview. *Marriage & Family Review*, 8(1-2), 11-25.
- Hynes, D., & Richardson, H. (2009). What Use is Domestication Theory to Information Systems Research?. In Y. Dwivedi, B. Lal, M. Williams, S. Schneberger, & M. Wade (Eds.) *Handbook of Research on Contemporary Theoretical Models in Information Systems*(pp. 482-494). Hershey, PA: Information Science Reference. doi:10.4018/978-1-60566-659-4.ch027.
- Johnson, H. M. (1971). The structural-functional theory of family and kinship. *Journal of Comparative Family Studies*, 133-144.
- Johnsson-Smaragdi, U. (2001). Media use styles among the young. In S. Livingstone & M. Bovill (Eds.), *Children and their changing*

- media environment: A European comparative study* (pp. 113–141). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Keitner, G. I., Heru, A. M., & Glick, I. D. (2009). *Clinical Manual of Couples and Family Therapy*. Washington, DC: American Psychiatric Publishing.
- Kennedy, T., Smith, A., Wells, A., & Wellman, B. (2008, October). Networked families [Report]. Retrieved January 6, 2016 from Pew Internet & American Life Project website: <http://www.pewinternet.org/Reports/2008/Networked-Families.aspx>.
- Kraut, R., Patterson, M., Lundmark, V., Kiesler, S., Mukophadhyay, T., & Scherlis, W. (1998). Internet paradox: A social technology that reduces social involvement and psychological well-being? *American psychologist*, 53(9), 1017.
- Lanigan, J. D. (2009). A sociotechnological model for family research and intervention: How information and communication technologies affect family life. *Marriage & Family Review*, 45(6-8), 587-609.
- Lie, M., & Sørensen, K. H. (Eds.). (1996). *Making technology our own?: domesticating technology into everyday life*. Scandinavian University Press North America.
- Mannheim, M., & Belanger, F. (2007). Communication media repertoires: Dealing with the multiplicity of media choices. *MIS Quarterly*, 31(2), 267–294.
- Mansell, R., & Silverstone, R. (1996). *Communication by design: The politics of information and communication technologies*. Oxford University Press.
- Mendonça, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2009). Transição para a idade adulta e adultez emergente: Adaptação do Questionário de Marcadores da Adultez junto de jovens Portugueses. *Psychologica*, 51, 147-168.
- Mesch, G. S. (2006). Family relations and the Internet: Exploring a family boundaries approach. *The Journal of Family Communication*, 6(2), 119-138.

- Minuchin, S., & Fishman, H. C. (1984). *Técnicas de terapia familiar*. México, DF: Paidós.
- Nguyen, H. V., Moschis, G. P., Shannon, R., & Gotthelf, K. (2009). The effects of family structure and socialization influences on compulsive buying: A life course study in Thailand. *Journal of Global Academy of Marketing Science*, 19(2), 27-39.
- Nie, N. H., Hillygus, D. S., & Erbring, L. (2002). Internet use, interpersonal relations, and sociability: a time diary study. In b. Wellman & C. Haythornthwaite (Eds.), *The Internet in everyday life* (215-243) Oxford: Blackwell.
- Padilla-Walker, L. M., Coyne, S. M., & Fraser, A. M. (2012). Getting a High-Speed Family Connection: Associations Between Family Media Use and Family Connection. *Family Relations*, 61(3), 426-440.
- Pallant, J. (2013). *SPSS survival manual*. McGraw-Hill Education (UK).
- Parke, R. D., & Buriel, R. (2008). Socialization in the family: Ethnic and ecological perspectives. In W. Damon, & R. M. Lerner (Eds.), *Child and adolescent development: An advanced course* (pp. 95-138). Hoboken, N.J.: Wiley.
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS* (5ª ed). Lisboa: Edições Sílabo.
- Polit-O'Hara D, Beck C. T. (2006). *Essentials of Nursing Research: Methods, Appraisal, and Utilization*, 6. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins.
- Pontes, H., & Patrão, I. (2014). Estudo Exploratório Sobre as Motivações Percebidas no uso Excessivo da Internet em Adolescentes e Jovens Adultos. *Psychology, Community & Health*, 3(2), 90-108.
- Portugal, A., Sotero, L., Cunha, D., Vilaça, M., & Relvas, A. P. (2010, outubro). *SCORE-15: Exploratory study of preliminary data in a sample of Portuguese families*. Comunicação apresentada no 7º European Family Therapy Association Congress, Paris, França.

- Ramsey, M. A., Gentzler, A. L., Morey, J. N., Oberhauser, A. M., & Westerman, D. (2013). College students' use of communication technology with parents: comparisons between two cohorts in 2009 and 2011. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking, 16*(10), 747-752.
- Reddi, V., R., (2006). *Participatory Adult Learning, Documentation and Information Networking*. Consultado em 20 mar. 2016. Disponível em http://www.unesco.org/education/aladin/paldin/pdf/course01/unit_13.pdf
- Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo Vital da Família, Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rideout, V. J., Foehr, U. G., & Roberts, D. F. (2010). Generation M: Media in the Lives of 8-to 18-Year-Olds. *Henry J. Kaiser Family Foundation*.
- Sharif, B. A. (2011). Trends in Digital-centric Society: Relationships and Health. *International Journal of Health, Wellness & Society, 1*(2), 205.
- Shek, D. T. (1997). The relation of family functioning to adolescent psychological well-being, school adjustment, and problem behavior. *The Journal of Genetic Psychology, 158*(4), 467-479.
- Shih, C. F., & Venkatesh, A. (2004). Beyond adoption: Development and application of a use-diffusion model. *Journal of marketing, 68*(1), 59-72.
- Silverstone, R., & Hirsch, E. (1992). *Consuming technologies: media and information in domestic spaces*. London: Routledge.
- Simões, M. R. (1994). *Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Tese de doutoramento não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Stafford, L., & Hillyer, J. D. (2012). Information and communication technologies in personal relationships. *Review of Communication, 12*(4), 290-312.
- Stern, M., & Messer, C. (2009). How family members stay in touch: A quantitative investigation of core family networks. *Marriage And*

- Family Review*, 45(7-8), 654-676.
doi:10.1080/01494920903224236.
- Stratton, P., Bland, J., Janes, E., & Lask, J. (2010). Developing an indicator of family function and a practicable outcome measure for systemic family and couple therapy: the SCORE. *Journal of Family Therapy*, 32(3), 232-258.
- Stratton, P., Lask, J., Bland, J., Nowotny, E., Evans, C., Singh, R., Janes, E., & Peppiatt, A. (2014). Detecting therapeutic improvement early in therapy: 22 validation of the SCORE-15 index of family functioning and change. *Journal of Family Therapy*, 36(1), 3–19.
- United Nations Development Programme. (2014). *United Nations Development Programme*. Consultado em 20 mar. 2016. Disponível em <https://www.google.com/url?q=https://info.undp.org/docs/pdc/Documents/MWI/DRAFT%20MASTER%20ICT%20PLAN%20REPORT%203%20V3%2004022014.docx>
- Van Teijlingen, E. R., Rennie, A. M., Hundley, V., & Graham, W. (2001). The importance of conducting and reporting pilot studies: the example of the Scottish Births Survey. *Journal of advanced nursing*, 34(3), 289-295.
- Venkatesh, A. (1996). Computers and other interactive technologies for the home. *Communications of ACM*, 39(12), 47-54.
- Vilaça, M., Silva, J. T., & Relvas, A. P. (2014). Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE-15). In A. P. Relvas (Ed.), *Instrumentos de Avaliação Familiar – Funcionamento e Intervenção* (Vol. I, pp. 23-45). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Watt, D., & White, J. M. (1999). Computers And The Family Life: A Family Development Perspective. *Journal Of Comparative Family Studies*, 30(1), 1-15.
- Williams, A. L., & Merten, M. J. (2011). iFamily: Internet and social media technology in the family context. *Family and Consumer Sciences Research Journal*, 40(2), 150-170.

Zhong, B. (2013). From smartphones to iPad: Power users' disposition toward mobile media devices. *Computers in human behavior*, 29(4), 1742-1748.